

Jornal para mostrar o orgulho de viver em Ceilândia

Claudia Bernal

Especial para o Correio

Nada como participar da produção de um jornal para saber como é o dia-a-dia da profissão. O Programa de Oficinas Formação e Informação, voltado para ensinar a prática do jornalismo, conseguiu bem mais isso: descobriu a realidade, os medos e os sonhos dos moradores da Ceilândia, cidade onde o trabalho foi feito.

Durante o mês de novembro, 39 alunos — a maioria sem experiência na área — frequentaram as aulas de jornalismo comunitário promovidas pela oficina no Centro Cultural e Desportivo de Ceilândia. “Foi uma proposta de convidar a comunidade a falar dos problemas e sucessos e contribuir para melhorar a vida deles”, afirma Luciene Velez, diretora de cultura da Administração da cidade.

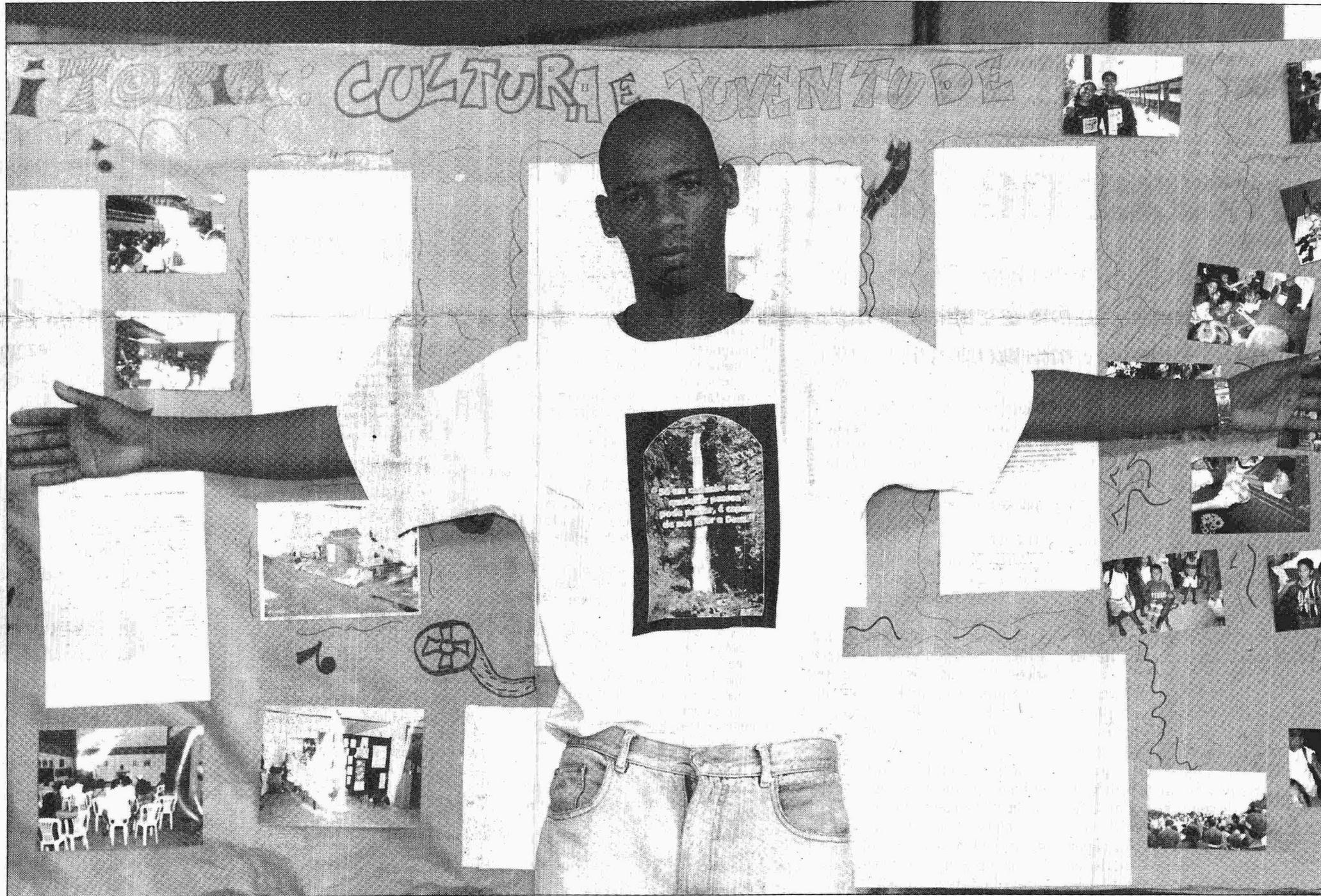
Atraídos pela oportunidade de aprender mais sobre a comunicação social, com oficinas ministradas pela professora de jornalismo Arcelina Helena Dias, os alunos tiveram aulas práticas de redação, passando por diagramação à editoração de um jornal. Ainda visitaram durante uma tarde o *Correio Braziliense* para conhecer de perto o trabalho da redação.

A prova final do programa de oficinas foi a publicação do tablóide *Nós da Ceilândia*. Os próprios alunos se ocuparam da edição do jornal, desde a escolha das pautas às realização das fotos. As reportagens, mesmo as que não foram incluídas no tablóide, estão expostas na biblioteca do Centro Cultural. Os textos retratam o que desejam os moradores que vivem ali: uma imagem mais positiva em relação à cidade.

Assuntos como violência e drogas foram apurados, mas não entraram na edição. Matérias como a Feira Permanente, que “alegra a cidade e gera emprego” foram as escolhidas. Ainda assim, no mural da biblioteca estão expostos trabalhos que revelam o cotidiano de medo que muitos alunos mostraram, como o de Francinaldo Feitosa.

Na própria reportagem, escrita em primeira pessoa, ele revela que teve

Nehil Hamilton



Os alunos que prepararam a edição do jornal *Nós da Ceilândia* expuseram as reportagens no Centro Cultural de Ceilândia. Hilton Souza, que estuda jornalismo na UnB, aprovou a oficina de informação

medo de entrevistar um viciado em drogas. “Ele não quis tirar a foto e ameaçou não dar mais a entrevista. Ainda fumava um baseado enquanto conversava com ele. Me convenci que é dura a vida de repórter”, escreve Francinaldo.

Houve alunos que fizeram matérias sobre prostituição, alcoolismo e violência nas escolas. A maioria em

tom de protesto pessoal. “No geral, todos tentaram mudar essa imagem ruim, onde predomina a violência, que é pregada sobre Ceilândia”, argumenta Márcia Veloso, coordenadora do trabalho.

EQUIPE

Hilton Souza tem 24 anos e foi um dos poucos alunos da oficina que já

conhecia a área de comunicação social — cursa o 3º semestre do curso na UnB.

Mesmo assim não dispensou a oportunidade de participar das aulas. “Foi muito enriquecedor, tinha gente dos 15 aos 60 anos”, comenta o rapaz, que fez uma reportagem com o título *Louvor à arte*, sobre o movimento de renovação carismática.

“Esse trabalho é importante pelo interesse social. A gente vê que pode reclamar por meio da mídia, conhecer os problemas e tentar mostrar soluções”, enfatiza Hilton. As aulas foram tão bem sucedidas que os alunos mais empolgados resolveram formar a equipe *never end*, que pretende dar continuidade a outros números do *Nós da Ceilândia*.

Além da oficina de jornalismo, outras seis foram realizadas a partir de novembro, época em que o Centro Cultural foi inaugurado: teatro para iniciantes, teatro para atores, dança contemporânea, dança brak, cerâmica e vocal. Esta última formou o coral Madrigal Cora Coralina, que conta com a participação de 40 pessoas.